



Ciberdiscurso Indígena : “Uma Leitura Semiótica”

MARIANA MARQUES ROCHA & MARIA LUCELI FARIA BATISTOTE¹

RESUMO:

A presente pesquisa pretende analisar o funcionamento discursivo do gênero reportagem, com enfoque no ciberdiscurso, buscando compreender em que medida tal discurso produz determinadas práticas de subjetivação nos indivíduos de forma a (re)construir a identidade do sujeito indígena sul-mato-grossense (Guarani/Kaiowá). Tendo como embasamento teórico a Semiótica francesa, norteadora de nossos estudos e análises, aborda-se o local e o regional sul-mato-grossenses, por meio do ciberjornalismo, considerando-se a possibilidade de resgatar nesse espaço digital, discursos de representações de grupos sociais, que permitem reconhecer que as palavras, e suas combinações, carregam em si elementos vários do viver de um povo. É essa complexa rede de discursos e olhares diferenciados, mas não neutros a outros, que nos intriga e instiga à pesquisa. Dessa forma, partimos do pressuposto de que a análise do arquivo que compõe nosso *corpus* permitirá buscar nas redes de significações, a compreensão dos discursos produzidos e, ainda, determinar os processos de subjetivação daí decorrentes.

Palavras-chave: semiótica, ciberdiscurso, Guarani-Kaiowá.

¹Mariana Marques Rocha, acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, bolsista de Iniciação Científica CNPq – PIBIC 2013/14, e-mail: marianamarques27@hotmail.com. Maria Luceli Faria Batistote, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Curso de Letras e Programas de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens e Mestrado em Comunicação – CCHS/UFMS, e-mail: lucelibatistote@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar o funcionamento discursivo do gênero reportagem, com enfoque no ciberdiscurso, de maneira a compreender em que medida tal discurso produz determinadas práticas de subjetivação nos indivíduos de forma a (re)construir a identidade do sujeito indígena sul-mato-grossense (Guarani/Kaiowá). Buscamos, através das análises, compreender e determinar os discursos produzidos pelo sujeito indígena através das mídias sociais. Sujeito este, que teve a sua voz silenciada por muito tempo ao longo da história.

São cerca de 73 mil e 300 índios Guarani/Kaiowá que habitam a região sul do estado de Mato Grosso do Sul, estes na sua grande maioria, corresponde à parcialidade Kaiowá e, em menor número, aos guaranis. Os guaranis, embora em menor número, estão presentes em várias aldeias Kaiowá, por isso o uso da designação Kaiowá/Guarani para referir-se às duas parcialidades. Juntos, compõem hoje o maior grupo indígena do País, com cerca de 45 mil pessoas, distribuídas por mais de 30 terras indígenas e 31 acampamentos à beira de estradas ou em pequenas porções de terra dentro de fazendas. Inicialmente, os Kaiowá habitavam uma região de difícil acesso na serra de Amambai, atual fronteira entre Mato Grosso do Sul e Paraguai e, por isso, permaneceram praticamente isolados até meados do século XIX. Após a guerra do Paraguai, que teve como parte do cenário de batalha o território Kaiowá, estes passaram a ter cada vez mais contato com os não indígenas. O cultivo e extração da erva-mate, explorada em grande intensidade na região a partir da década de 1880, passou a incorporar significativo número de Guarani/Kaiowá como mão-de-obra.

Em 1882, o Governo Federal arrendou a região para a Cia Matte Larangeiras, que iniciou a exploração da erva-mate em todo o território Guarani/Kaiowá. Ainda em pleno domínio desta Companhia, o SPI demarcou, em 1915, a primeira Reserva com 3.600 ha para usufruto dos Kaiowá. Até 1928 são demarcadas para os Kaiowá/Guarani, em toda a região Sul do Estado, um total de oito Reservas, totalizando 18.297 habitantes. Inicia-se então, com o apoio direto dos órgãos oficiais, um processo

sistemático e relativamente violento de confinamento da população Guarani nestas Reservas.

Com o desmatamento da região e a implantação das fazendas de gado e das Colônias agrícolas, a partir da década de 40, dezenas de aldeias Guarani/Kaiowá tiveram que ser abandonadas pelos índios, sendo suas terras incorporadas pela colonização. A população dessas aldeias foi aleatoriamente " Descarregada" nas Reservas e esse processo de redução e confinamento compulsório seguiu, à revelia de toda a legislação já existente e a favor da proteção dos direitos indígenas à terra, até o final da década de 70.

Somente em 1915, o serviço de Proteção aos Índios, SPI, iniciou suas atividades junto aos Guarani/Kaiowá, na região da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul.

“Quando é demarcada a 1ª Reserva Indígena Kaiowá, o Posto Indígena de Amambai, com 3.600 hectares. Sofreu logo, também, a primeira redução, restando um total de 2450 hectares. Dois anos depois, em 1917, reservou uma segunda área de 3.600 hectares de terras no município de Dourados (Posto Indígena Francisco Horta). Em 1924, criou a terceira reserva de 3.750 hectares para os Kaiowá de Caarapó. Outras cinco reservas são criadas, em 1928, com uma extensão entre 900 e 2 mil hectares cada uma. São elas: Takuapiry, Porto Lindo, Sessoró, Pirajuí e Limão Verde (BRAND¹, 1997).”

Foram criadas então oito reservas em posse dos Guarani/Kaiowá, sendo que ao demarcar essas pequenas porções de terra o governo liberava o restante para a colonização. Foi o processo de transferência ordenada para as reservas demarcadas que caracterizou um confinamento indígena. Para tal, o SPI utilizou-se de três critérios para a demarcação das terras. O primeiro dizia respeito à concentração de índios, o segundo a disponibilidade da terra, ou seja, a inexistência de outros candidatos à posse da terra naquele momento ocupada pelos índios e, por último, a qualidade da terra, no caso, a busca de terras mais aptas à agricultura.

Apesar da demarcação ocorrida, os índios não eram verdadeiros proprietários dessas terras. Aqueles que trabalhavam na terra e conservavam relação de fato com ela seriam apenas posseiros ilegais, detentores, mas não proprietários. Ou seja, os índios desde aquela época já não eram percebidos como sujeitos que têm direitos

originários às suas terras. Desde então, uma “guerra” se trava, em casos específicos como a demarcação de terras e sua disputa entre indígenas e latifundiários.

O Mato Grosso do Sul é conhecido como a capital do agronegócio. Sua grande fortuna está nos pastos: são mais de 20 milhões de cabeças. Além das pastagens, as lavouras de soja e cana que também ocupam milhares de quilômetros quadrado. Os confrontos tem se tornado cada vez mais frequentes e se estendem por toda a fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai, atingindo municípios como Caarapó, Amambai, Ponta Porã e Paranhos. Os fazendeiros, que são fortalecidos política e economicamente, vem tornando as disputas ainda mais violentas. Os assassinatos de lideranças, que começou em 1983, vêm sendo mais frequentes. Outro fator que pode ser um agravante a situação, são as reservas indígenas superlotadas. Entre 2005 e 2006, as reservas ganharam destaque na mídia nacional e no meio político devido às mortes em decorrência da desnutrição infantil. Como forma emergencial de combater o problema, intensificou-se a distribuição de cestas básicas e o Ministério Público Federal pressiona o governo buscando soluções.

Segundo classificação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), a situação das terras indígenas em Mato Grosso do Sul é a seguinte: 17 registradas, 5 homologadas, 3 declaradas, 3 identificadas, 10 a identificar, 8 reservadas e 74 sem providências. A terra indígena mais recentemente demarcada é a Taquara, situada no município de Juti, onde os Kaiowá de Taquara passam a possuir 9.700 hectares reconhecidos pela legislação.

2. UM POUCO DE TEORIA

O surgimento da Semiótica Francesa se deu quando o lituano Algirdas Julien Greimas propôs-se “refletir acerca das condições pelas quais é possível um estudo científico da significação”. Segundo Fiorin, o que Greimas procurou buscar foi “construir uma semântica” e essa semântica deveria ser gerativa, sintagmática e geral.

Podemos dizer que a teoria Greimasiana consiste em reunir diferentes abordagens metodológicas, tomando como referência alguns trabalhos, como por exemplo o de Lévi-Strauss (sobre a estrutura do mito) . A semiótica Greimasiana, assim como outras

teorias semióticas, possui o texto como seu objeto de estudo, procurando assim explicar o seu sentido, compreender seus mecanismos, suas construções de sentido e avaliar o plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo de sentido.

Através do percurso gerativo de sentido é possível perceber como o texto se estrutura, percorrendo assim seus três níveis de análise, que se dispõe do mais simples ao mais complexo.

O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo. (Fiorin, 2005).

O percurso estabelece para a análise de cada um desses níveis uma sintaxe e uma semântica próprias para a análise de cada um deles. Sendo assim, cada nível discursivo se divide em dois componentes, um sintático e um semântico.

A primeira etapa, a mais simples e abstrata, compreende o nível fundamental, em que o sentido se traduz por uma oposição semântica mínima, como /vida/ vs /morte/, por exemplo. Esses termos mantêm uma relação de contrariedade. Ainda no nível fundamental, faz-se também a aplicação de categoria /euforia/ vs /disforia/ que determinam para determinado sujeito valores positivos e negativos.

A segunda, o nível narrativo, no qual a narrativa organiza-se sob o ponto de vista de um sujeito, ou seja, em enunciados (de estado ou de fazer), de *performance* para formar o esquema narrativo que é uma organização lógica de percursos narrativos. A enunciação mostra no discurso e estabelece com ele relações de aproximação ou afastamento, subjetividade ou objetividade. O percurso do sujeito descreve não só a realização de uma *performance*, como a competência modal representada pelo /poder/ e /saber/ fazer do sujeito actante.

Os valores manifestados no nível narrativo se organizam no nível discursivo que podem ser recobertos por percursos figurativos. No nível discursivo, a narrativa é assumida por um sujeito da enunciação. Aqui a análise volta-se para o componente interno do texto: o espaço onde ocorrem os fatos, o tempo em que ocorrem as ações e as figuras que representam o mundo natural no decorrer do discurso.

2. ALGUMAS NOÇÕES DOS CIBERMEIOS

Com o crescimento acelerado da tecnologia torna-se difícil designar, classificar e ou acompanhar suas variações técnicas e, sobretudo, pontuar qual a linguagem que será a ela anexada pelos usuários, sobretudo aqueles que se vinculam à internet. O **ciberespaço**, como é nomeado esse novo campo de interação, é o local virtual onde acontecem múltiplas atividades, este é considerado o mais novo local de "disponibilização" de informações possibilitado pelas novas tecnologias. O ciberespaço pode ser concebido como um novo mundo, um novo espaço de significações, um novo meio de interação, comunicação e de vida em sociedade. Esse universo não é irreal ou imaginário, existe de fato, e o faz em um plano essencialmente diferente dos espaços conhecidos.

Hoje em dia conhecemos um novo espaço de leitura e escrita. As letras – concretas e palpáveis – transformaram-se em bytes digitais; a página em branco é o campo do monitor; a caneta é o teclado. Há, agora, uma estranha separação entre o nosso corpo (real) e o texto (virtual). Até que seja impresso (atualizado), o texto pode ficar indefinidamente nessa virtualidade. É um novo modo de lidar com a escrita, característico de um momento que alguns denominam pós-moderno e outros cibercultura. (Ramal, 2002.)

A comunicação no ciberespaço ocorre de maneira significativa sob o ponto de vista de que os cibernautas interatuam por meio de gêneros discursivos escritos. Desse modo, o **ciberdiscurso** é construído na medida em que os cibernautas estabelecem relações escritas constantes, mesmo que sejam provisórias, diante do conjunto de polifonias concordantes, de onde eles produzem suas vozes. Eles constroem processos cognitivos que os constituem como seres sóciodiscursivos na sociedade em que a cultura está indexada a ação dialógica através da escrita. Portanto, o ciberdiscurso é o compartilhamento imediato do ato linguístico discursivo; a linguagem anexada aos

usuários, que se é praticada dentro do ciberespaço (internet), ou seja, a prática da escrita na Web.

Assim, o jornalismo por sua vez, também passou a ocupar as páginas da internet, surgindo com o nome de **ciberjornalismo**, a modalidade do jornalismo aplicada no ciberespaço, que utiliza de sistemas automatizados de comunicação para produzir narrativas hipertextuais, multimídias e interativas, ou seja, usa do ciberespaço para fazer publicações através de hipertextos, interatividade, multimídia (vídeos, fotos). Além de realizar a tradicional apuração das notícias, o ciberjornalismo também tem por objetivo a busca por incluir ideias, histórias e diálogos, onde pode haver a interação entre os leitores.

3.1 CIBERDISCURSO INDÍGENA

No caso dos índios, a internet já é usada e significada em muitas aldeias do nosso país. Muitos deles já possuem e-mails, blogs e fazem parte de comunidades virtuais e isso forma uma rede de sentidos em circulação no ciberespaço. Partindo dessa ideia, poderemos observar neste artigo, um dos processos discursivos pelos quais os índios se significam e são significados, que é o ciberjornalismo. Através do ciberjornalismo e de outros meios do ciberespaço, os índios contam com um espaço de enunciação privilegiado para fazer circular sentidos interditados e/ou silenciados ao longo da história, reconstruindo assim a sua identidade, que é algo que se é construído na relação com o outro. Aqui, o ciberespaço serve como um instrumento de luta na divulgação, denúncia e propagação das demandas desses povos.

4. A ANÁLISE

“No nível discursivo, as estruturas abstratas do nível narrativo são assumidas por um sujeito da enunciação e ganham enriquecimento, maior concretude. Para isso, o sujeito da enunciação faz uma série de escolhas, pois o seu objetivo é construir o texto e comunicá-lo de maneira persuasiva ao enunciatário.”

A análise aqui apresentada mobiliza aspectos do nível discursivo e do nível fundamental do percurso gerativo de sentido. O nível discursivo é considerado por muitos como o mais superficial entre os níveis do percurso gerativo, porém o mais complexo devido a sua riqueza semântica. É neste momento que a narrativa é entendida no âmbito da enunciação, ou seja, enquanto discurso, como marca Fiorin (2005, p. 55), “é o ato de produção do discurso”.

Neste nível, para produzir efeitos determinados pelo contrato de leitura implicado, são feitas escolhas por meio de tempo, pessoa, espaço na sintaxe discursiva e de temas e figuras na semântica discursiva. Cabe mencionar que para esta análise serão mobilizados conceitos da semântica discursiva. Segundo Barros, os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. Assim procedendo, o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido, sobretudo de realidade, garantindo também a manifestação mais clara de intenções e propósitos. Portanto, a semântica discursiva tem como componentes de análise os temas e a figuras.

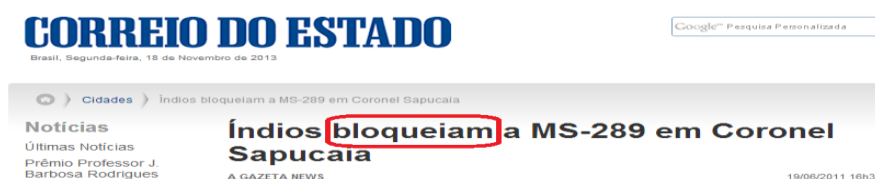
Podemos ver em Fiorin (1990) que os temas são palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que categorizam e ordenam a realidade percebida pelos sentidos. Enquanto as figuras são consideradas como elementos concretos, são elementos ou expressões que correspondem a algo existente no mundo natural. Fiorin (1995) nos mostra os temas como feitos para simular o mundo e as figuras, para explicá-lo.

A tematização de um discurso formula os valores de modo abstrato e organiza-os em percursos, enquanto a figurativização recobre os percursos temáticos e abstratos por meio das figuras de conteúdo, e lhes atribui traços de revestimento sensorial. Sendo assim, os temas são os valores abstratos do discurso, a tematização é iniciada pela identificação dos traços semânticos pertinentes ao discurso, e as figuras são as especificidades e particularidades do discurso. Para examinar os percursos devem-se empregar princípios da análise semântica e determinar os traços ou semas que se repetem no discurso e o tornam coerente.

No nível fundamental o sentido se traduz por uma oposição semântica mínima em que os termos mantêm uma relação de contrariedade. Ainda no nível fundamental, faz-se também a aplicação de categoria /euforia/ vs /disforia/ que determinam para determinado sujeito valores positivos e negativos.

De acordo com o *corpus* analisado nesta pesquisa “Índios bloqueiam a MS-289 em Coronel Sapucaia” publicada no dia 18 de novembro de 2013 no jornal Correio do Estado, pode-se perceber que a figura do índio produz um efeito de sentido de um sujeito que age, que se coloca em atitude de ação. A reportagem em seu todo visa denunciar o descaso com o sujeito indígena que reclama dos frequentes atropelamentos ocorridos na rodovia MS-289.

Logo no título observa-se a presença marcante da palavra “bloqueiam” que traz consigo a intenção do autor em criar uma expectativa para a leitura da reportagem e assim, o leitor já pode notar que haverá uma crítica à continuidade do problema não resolvido.



A figura do índio praticando a ação “bloqueiam”, ou seja, impedem os demais cidadãos do direito de ir e vir que lhes é assegurado traz repercussão. É um sujeito revestido de autoridade, mas que conseqüentemente sofrerá sanções pelas ações desempenhadas.

Quando lemos o último parágrafo da reportagem, as informações permitem ao leitor “acesso” para a realidade local e ao mesmo tempo dá ao jornal o ethos da credibilidade, já que a reportagem do jornal foi até o local verificar o problema que continua acontecendo com os índios.

Pela análise da reportagem, primeiramente constrói-se a história de dois sujeitos: um primeiro, em busca de seus direitos (índios); e o outro, a esse sujeito indiferente (fazendeiros). No nível discursivo esse valor ocorre sob a forma do tema: “revolta dos

índios”. É possível destacar as seguintes figuras: /revoltados/ /bloquearam/ /bloqueio/ /atropelamento/ /morte/ /bloquear/. A figurativização é feita pelo enunciador, que as escolhe de acordo com seu discurso, carregando-as de significações e conceitos pré-selecionados. Este mesmo enunciador utiliza as figuras do discurso para levar o enunciatário a reconhecer “imagens do mundo”, e a partir daí acreditar na “verdade” do discurso.

Política
Cidades
Esportes
| Estadual MS
Economia
| Consumidor
| Profissões
Agronegócios
Brasil/Mundo
Ecologia
Arte e cultura
| Entretenimento
| Astral
Ciência e Saúde
Receitas
Tecnologia
Reportagens Especiais
Classificados
Serviços
Correio Assinatura



Foto: Wilson Nascimento
O bloqueio da rodovia se deu por conta de mais um atropelamento, o terceiro em 20 dias

atropelado por um veículo na madrugada desse domingo. O carro fugiu do local sem ser identificado.

“Esse foi o terceiro **atropelamento** de pessoas dentro dos limites da reserva em menos de 20 dias, dois deles com **morte**, disse o “capitão” da aldeia, Jonas Batista ao informar que a decisão de **bloquear** o trânsito na rodovia nesse domingo não partiu das lideranças da reserva indígena, mas sim de toda a comunidade, que, segundo ele, já está cansada de velar parentes e amigos por conta dos **atropelamentos** ocorridos sem que as autoridades competentes adotem medidas eficazes para garantir a segurança da população indígena no local.

Revoltados com os frequentes **atropelamentos** de membros da comunidade, indígenas guarani-kaiowá da Aldeia Taquapery **bloquearam** o trecho da Rodovia MS-289, que liga Coronel Sapucaia a Amambai, no trecho que corta a reserva indígena na manhã desse domingo (19) e só liberaram a passagem após a chegada da imprensa.

O bloqueio do trânsito na rodovia começou no início da manhã, depois de o indígena Jonildo Martins, de 18 anos e já pai de uma criança de 2 anos, ter o corpo dilacerado ao ser

Os percursos temáticos e figurativos mantêm entre si relações diversas como podemos ver, e nos possibilitam fazer as leituras possíveis de um texto.

Nível fundamental

Considerando que o sentido se traduz por uma oposição semântica mínima no nível fundamental e também se faz a aplicação da categoria /euforia/ vs /disforia/ sobre a categoria articulada, o que permite a inserção dos elementos semânticos numa axiologia, determinando valores positivos e negativos, desejados, proibidos, devidos ou temidos por uma comunidade.

A reportagem “Índios bloqueiam a MS-289 em Coronel Sapucaia” constrói suas diferentes leituras a partir da oposição entre o bloqueio **vs.** liberação do trânsito, orientada no sentido da passagem do bloqueio até a liberação da pista. O texto se inicia pela afirmação do bloqueio (“Revoltados com os frequentes atropelamentos de membros das comunidades indígenas Guarani/Kaiowá da Aldeia Taquapery

bloquearam o trecho da Rodovia MS-289...”), para ao final dele negá-la e afirmar então, a liberação da pista (“... conseguiram a liberação do trânsito na rodovia em meia pista...”).

Política
Cidades
Esportes
| Estadual MS
Economia
| Consumidor
| Profissões
Agronegócios
Brasil/Mundo



Revoltados com os frequentes atropelamentos de membros da comunidade, indígenas guarani-kaiowá da Aldeia Taquapery bloquearam o trecho da Rodovia MS-289, que liga Coronel Sapucaia a Amambai, no trecho que corta a reserva indígena na manhã desse domingo (19) e só liberaram a passagem após a chegada da imprensa.

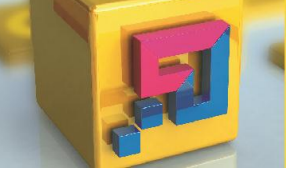
Novelas
Cinema
Correio 2.0
Vídeos
Notícias em seu site

Após a presença de nossa equipe de reportagem, em diálogo com as lideranças, a Polícia Militar Rodoviária Estadual (PRE) e policiais civis da Delegacia de Coronel Sapucaia, conseguiram a liberação do trânsito na rodovia em meia pista e a liberação, por parte dos indígenas, do corpo do índio morto para ser removido da pista da rodovia e ser encaminhado ao IML (Instituto Médico Legal) de Ponta Porã para a realização do exame necroscópico.

Um fato que merece destaque é que os índios só aceitaram negociar a liberação da rodovia após a chegada da equipe de reportagem. O que mostra que estes veem na figura da imprensa uma forma de terem voz em suas reivindicações. Observe: “Após a presença de nossa equipe de reportagem em diálogo com as lideranças, a Polícia...”, neste recorte pode-se perceber que não há intenção em nenhum momento por parte da polícia e das autoridades em resolver o problema dos índios. Na reportagem vemos, a cada parágrafo, a insatisfação, a revolta e o medo por parte dos índios, que se negam a morte e querem a afirmação da vida como consequência do fim dos atropelamentos.

vida → não-morte → morte

morte → não-morte → vida



As categorias semânticas, como bloqueio *vs.* liberação ou vida *vs.* morte cujas relações são representadas e operacionalizadas no quadrado semiótico, constituem, portanto, o ponto de partida da geração do discurso. Essas categorias sofrem modificação axiológica também na instância das estruturas fundamentais, quando determinadas pela categoria tímica que se articula em euforia *vs.* disforia. Na reportagem em questão, o bloqueio é eufórico, ou seja positivo para o sujeito indígena e a liberação é disfórica, negativa, considerando que gera morte por atropelamentos naquela parte da rodovia. Assim, enquanto os índios estão bloqueando a pista eles estão em euforia, porém quando permitem a liberação da pista entram em disforia.

Cabe, por fim, mencionar que para o sujeito não índio o efeito de sentido produzido é inverso. O bloqueio se apresenta como disfórico, pois impede a passagem e causa congestionamentos no trânsito e a liberação se apresenta como eufórica, pois traz novamente a garantia do direito de ir e vir dos cidadãos.

Ressaltamos o fato de que esta pesquisa encontra-se em desenvolvimento e muitos outros efeitos de sentidos, com certeza, serão encontrados e estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARRROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4º ed. São Paulo: Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 11ºed. São Paulo: Contexto, 2002.

BATISTOTE, Maria Luceli Faria. **Semiótica Francesa: busca de sentido em narrativas míticas**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.

BARROS, D. L. P. de. Teoria semiótica do texto. 4. ed. São Paulo : Ática, 2005.

MARCUSCHI, L. A. ; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: LUCENA, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/23058492/Redes-Sociais-na-Internet-%E2%80%93-Raquel-Recuero>>.



SIQUEIRA, E. M. ; BRAND, A. J. **Os Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul: os conflitos de terra e as marcas do SPI.** Texto integrante dos *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

LIMBERTI, R. C. P. **A imagem do Índio: discursos e representações.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

Pesquisas na internet, incluindo visitas semanais ao endereço eletrônico do jornal “Correio do Estado”.

Participação no evento: **XVIII Semana de Letras e II Jornada de estudos de linguagens: Memória e pesquisa – 25 anos do Curso de Letras**, na cidade de Campo Grande (UFMS), apresentando o trabalho intitulado: “OS SENTIDOS SEMIÓTICOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO DA WEB: EM FOCO, O SUJEITO INDÍGENA.”